

Celso Furtado, 100 Anos: A Economia Brasileira (1954)

RÔMULO MANZATTO (*)

1 Contexto

Impresso em 1954, *A Economia Brasileira* foi o primeiro livro de análise econômica de Celso Furtado. A obra foi lançada em pequena tiragem, custeada pelo próprio autor, e manufaturada pela editora *A Noite*, com sede na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil.

O livro foi dedicado ao economista argentino Raúl Prebisch, mas os que folheiam as primeiras páginas de *A Economia Brasileira* nos dias de hoje talvez não imaginem que sua publicação não só causou atritos entre Celso Furtado e Prebisch como quase precipitou a saída de Furtado de seu cargo na CEPAL, o que levaria a um provável rompimento profissional com Prebisch, a quem o livro havia sido dedicado.

A ocasião motivou uma breve nota nos diários que Furtado mantinha de maneira intermitente desde a juventude. No registro, com data de 5 de dezembro de 1954, o jovem economista questiona se poderia vir a se transformar plenamente em um funcionário internacional, registra o bom progresso que havia feito nesse sentido, mas admite a possibilidade de reconsiderar esse plano.

O problema, segundo o economista ainda no início da carreira profissional, era o de se incomodar com a dúvida em não saber se poderia “publicar de vez em quando algum estudo, no campo da teoria econômica”, sob sua responsabilidade pessoal. Em seguida, sentenciava que se não pudesse exercer o direito de publicar

seus próprios estudos, “teria que renunciar ao prazer e ao privilégio que é trabalhar na CEPAL”. (FURTADO, 2019, p. 128)

A respeito desse mesmo episódio, Furtado registrou em sua autobiografia o fato de que a publicação de *A Economia Brasileira* lhe causou transtornos na CEPAL. Pouco depois da divulgação do livro, Furtado recebeu um comunicado de Louis Swenson, então subdiretor da Comissão em Nova York.

Em longa carta, Swenson advertiu o jovem funcionário pela publicação do trabalho. Não por acaso, a CEPAL logo em seguida definiria novas regras restringindo a publicação de trabalhos acadêmicos sob a responsabilidade pessoal de seus funcionários.

Furtado interpretou a movimentação como sintoma de uma malfazeja mudança de clima na instituição. Desgastado e em desacordo com as novas regras, chegou a elaborar uma carta a Raúl Prebisch em que comunicava sua vontade de tirar um período de licença não

remunerada para dedicar-se à pesquisa acadêmica. Por fim, tendo depois decidido aceitar a chefia de um grupo de trabalho da CEPAL sobre a economia mexicana, optou por permanecer na instituição. (FURTADO, 2014, p. 166)

A Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) foi fundada em 1948, no âmbito da estrutura da Organização das Nações Unidas (ONU). Em seus primeiros anos, foi decisiva a atuação de Raúl Prebisch na elabo-



FURTADO, C. *A Economia brasileira - Contribuição à análise do seu desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1954

ração do que viriam a ser as ideias-força que balizariam os esforços de pesquisa da CEPAL nas décadas seguintes.

Já Celso Furtado, recém-saído do doutorado na Universidade de Paris, foi um dos membros pioneiros da pequena equipe de economistas contratados para formar a Comissão, então sediada em uma casa residencial no bairro de Providência, na cidade de Santiago, no Chile.¹

No momento da publicação de *A Economia Brasileira*, A CEPAL já havia adquirido notoriedade pela atuação de seus economistas na região. Em 1953, Celso Furtado era um dos destaques da equipe e foi indicado para assumir a liderança do grupo misto CEPAL-BNDE, encarregado de esboçar um amplo programa de desenvolvimento para o país – trabalho que anos mais tarde seria usado como a base do Plano de Metas de Juscelino Kubitschek.

2 O Texto e Seus Leitores

A Economia Brasileira reúne as três frentes de trabalho intelectual que concentravam a atenção de Furtado naquele momento, que são exploradas nos seis capítulos da obra.

A primeira frente trata da teoria do desenvolvimento, estudada em sua gênese histórica e quanto a seus mecanismos de acumulação,

abordada já no primeiro capítulo do livro intitulado “As categorias fundamentais do processo histórico de desenvolvimento econômico”.

A segunda frente aborda a economia brasileira, vista em perspectiva histórica e em relação aos seus problemas então atuais. Essa frente abarca a maior parte da obra, reunindo os capítulos II, III, IV e V.

E, finalmente, a terceira frente, em que Furtado procura realizar uma crítica das ideias sobre o processo de desenvolvimento econômico, o que é levado a cabo no último capítulo do livro, com o título de “Formulação teórica do problema do crescimento econômico”. (FURTADO, 2014, p. 154-155)

Embora o título *A Economia Brasileira* e o subtítulo *Contribuição à análise do seu desenvolvimento* procurem deixar clara a preocupação central da obra, o livro acaba por constituir um trabalho heterogêneo, que agrupa os temas de interesse do autor à época, mas não confere coesão ao estudo.²

Nem por isso *A Economia Brasileira* deixa de ter grande importância na trajetória intelectual de Furtado. Como lembra Tamás Szmrecsányi, as duas partes do último capítulo do livro foram publicadas com grande repercussão em dois conceituados periódicos da época – *International Economic Papers* e *El Trimestre Económico* –, tornando Celso Furtado um economista de

reconhecimento internacional já na primeira metade da década de 1950. (SZMRECSÁNYI, 2001, p. 347)

A respeito desses artigos – agrupados no último capítulo (VI) de *A Economia Brasileira*, Szmrecsányi aponta o caráter inovador que os textos tiveram à época de sua divulgação e mesmo a atualidade que parecem conservar. Como ideias pioneiras de Furtado, destaca a equiparação do conceito de desenvolvimento ao aumento da produtividade física média do trabalho; a importância conferida pelo autor ao papel da distribuição da renda nacional no crescimento e diversificação da demanda e a identificação da tendência ao desequilíbrio externo na trajetória de crescimento dos países subdesenvolvidos, desequilíbrio esse que só poderia ser contornado pela ação do Estado. (SZMRECSÁNYI, 2001, p. 348)

A primeira parte desse último capítulo consiste na adaptação das críticas formuladas por Furtado ao ciclo de conferências proferidas no Brasil por Ragnar Nurkse, teórico do desenvolvimento, em 1952.

Como também lembra Szmrecsányi, as críticas de Furtado a Nurkse voltaram-se para aspectos da teoria do desenvolvimento equilibrado, das relações entre consumo, investimentos e crescimento do produto e para os constantes problemas de desequilíbrio no

balanço de pagamentos nos países subdesenvolvidos. Foi também a primeira vez em que Furtado pôde formular de maneira sistemática suas próprias ideias sobre esses problemas. (SZMRECSÁNYI, 2001, p. 348)

Já a segunda parte desse último capítulo foi examinada em detalhe por Cláudia Heller e Renata Cipolli d'Arbo em artigo sobre a evolução da abordagem analítica da teoria do desenvolvimento de Celso Furtado.

No trabalho em questão, Heller e d'Arbo ressaltam a ponderação feita por Furtado entre a necessidade de equilibrar abordagens abstratas, calcadas em generalizações, com a descrição pormenorizada dos eventos históricos, evitando os excessos das duas tendências. Destacam também o uso do conceito de “produtividade social”, entendido como “o produto total por unidade de tempo da força de trabalho” e que embasaria esse primeiro entendimento furtadiano da teoria do desenvolvimento, então associado ao crescimento da produtividade social no longo prazo. (HELLER; D'ARBO, 2012, p. 19)

As autoras ainda assinalam a importância dada por Furtado ao avanço das técnicas produtivas, visto como o elemento mais dinâmico do processo de produção em economias capitalistas, assim como as considerações de Furtado sobre Keynes, que o economista

brasileiro considera como insuficiente para pensar a acumulação de capital no longo prazo. (HELLER; D'ARBO, 2012, p. 20-21)³

O capítulo I, por sua vez, aborda aspectos teórico-metodológicos e apresenta, em alguns casos, categorias analíticas nem sempre relacionadas com o conteúdo do livro. Mesmo que o conteúdo do capítulo pareça particularmente deslocado do restante da obra, Maurício Coutinho acredita que nesse capítulo são apresentadas algumas soluções teóricas a que Furtado recorreria posteriormente, aplicadas a outras situações históricas.

Chama a atenção de Coutinho o sugestivo exemplo da situação da economia espanhola após a descoberta da América, em que, segundo Furtado, o aumento do comércio com a colônia do Novo Mundo acabou por provocar uma retração das atividades produtivas na Espanha. Nesse caso, teria havido um aumento da “produtividade econômica” e uma diminuição da “produtividade física” na região. (COUTINHO, 2017, p. 42)

Outro ponto de destaque, segundo Coutinho, é o uso das categorias de “economia comercial” e “economia industrial”, que antecipam elementos da comparação entre economias agroexportadoras escravistas e economias baseadas no trabalho assalariado, posteriormente explorados por Furtado em *Formação*

Econômica do Brasil. (COUTINHO, 2017, p. 43).

Os capítulos II, III, IV e V formam o núcleo da obra. Neles, Furtado apresenta os elementos mais importantes de sua análise histórica da economia brasileira e, além disso, antecipa as principais ferramentas de pesquisa que viriam a constituir o acervo furtadiano e a consolidar seu método de análise histórico-estrutural.

Um dos primeiros comentadores da obra de Furtado a chamar a atenção para a importância de *A Economia Brasileira* foi Ricardo Bielschowsky, ao afirmar já de início o caráter estruturalista da análise da economia brasileira contida na obra (BIELSCHOWSKY, 2004, p. 132).

Para Bielschowsky, *A Economia Brasileira* adquire especial importância por refinar pontos-chave da análise furtadiana que passariam por mais alguns anos de depuração até serem rerepresentados em *Formação Econômica do Brasil*, já em 1959.

Um desses pontos é a caracterização feita por Furtado da expansão do setor de subsistência nas fases de contração das exportações dos diferentes ciclos de produção da economia colonial. Como também destaca Maurício Coutinho, a economia de subsistência é o que fundamentalmente estabelece a identidade da formação econômica

brasileira, tanto por seu caráter decisivo na ocupação do território quanto pelo fato de absorver a mão de obra desmobilizada pela economia colonial de exportação nas épocas de crise. (COUTINHO, 2017, p. 45-46).

O amplo contingente de mão de obra disperso pelo território permite a Furtado empreender a análise do desenvolvimento brasileiro como um “modelo de crescimento com oferta ilimitada de mão de obra” (COUTINHO, 2017, p. 46). Ponto que posteriormente embasaria a análise de Furtado, e de boa parte da corrente estruturalista, quanto aos efeitos desse amplo contingente de mão de obra subempregada na manutenção dos baixos salários e na escassa diversificação da estrutura produtiva. (BIELSCHOWSKY, 2004, p. 174).

Outro ponto que destaca a importância de *A Economia Brasileira* na trajetória de Furtado consiste na explicitação do que o autor chamou de mecanismo de socialização das perdas, que procura explicar a capacidade da economia colonial brasileira de absorver os choques externos através da desvalorização cambial, o que acaba por preservar parte do ganho dos setores exportadores em moeda externa, promovendo a manutenção do nível de emprego nas fases de crise.

Ocorre que se na crise os prejuízos do setor exportador são socializados com toda a coletividade, o

mesmo não ocorre nos períodos de expansão. Nesses casos, o amplo contingente de mão de obra permite ao setor exportador aumentar sua produção pela agregação de fatores de produção, mantendo os salários próximos ao nível de subsistência. Reiterado no tempo, esse processo atua como mecanismo secular de concentração de riqueza. (FURTADO, 1954, p. 98-107)

A Economia Brasileira traz, ainda, um dos esquemas explicativos mais notórios de Furtado, que explicita o processo de deslocamento do centro dinâmico da econômica brasileira no início da década de 1930. Trata-se do modelo clássico de Furtado, afirma Bielschowsky (2004, p. 177), para explicar o momento decisivo de transição da economia primário-exportadora para a economia industrial no Brasil.

A ideia, mais do que conhecida a partir de sua versão definitiva em *Formação Econômica do Brasil* (1959), é também apresentada em *A Economia Brasileira* (1954). Furtado mostra como a súbita queda no preço das exportações, decorrente da crise de 1929, causou forte desequilíbrio externo e brusca desvalorização cambial.

Acionados então os mecanismos de proteção da economia agroexportadora, intensifica-se a política de compra dos estoques de café, o que acaba por atuar como política anticíclica, sustentando o nível de demanda interna. A partir daí, como

comenta Coutinho, ganha impulso o processo de substituição de importações favorecido pelos constrangimentos cambiais. (COUTINHO, 2017, p. 50)

A Economia Brasileira é um livro de transição. Em certas passagens, é impossível não notar certo esquematismo nas definições, ou mesmo o uso de categorias de análise pouco integradas à explicação histórica.

São categorias que coexistem de maneira tensa na economia interna da obra, sem lugar definido, como passos em falso de quem procura novos caminhos. É como se Furtado ainda estivesse à procura de uma forma específica que pudesse expressar o processo de formação da economia brasileira.

É claro que essas considerações carregam certa dose de anacronismo. Afinal, os problemas de *A Economia Brasileira* ganham relevo porque contrapostos às obras posteriores de Furtado.

Quando analisado em seu contexto, ou em sua época, *A Economia Brasileira* se sai melhor. Até porque seria difícil para qualquer obra de economia brasileira, publicada na década de 1950, sustentar a comparação com *Formação Econômica do Brasil*, que chegou a ser considerada a obra-prima do estruturalismo latino-americano.

Nessa perspectiva, o interesse de *A Economia Brasileira* repousa justamente em seu caráter incompleto, de obra produzida por alguém que até então colocava em dúvida sua aptidão para uma carreira profissional como economista internacional. Dúvidas que parecem internalizadas pelo próprio leque de possibilidades que a análise oferece.

Em *A Economia Brasileira*, o elenco de hipóteses furtadianas se apresenta em estado bruto, ainda não suficientemente polido e antes de ser gravado em pedra pela repercussão quase transcendental que o pensamento de Celso Furtado adquiriria nos anos seguintes.

Assim, a leitura de *A Economia Brasileira* oferece a oportunidade única de vislumbrar um momento decisivo da formação do pensamento de Celso Furtado. Oferece, ainda, uma apresentação generosa dos elementos básicos do que viria a constituir o estruturalismo latino-americano, ainda hoje a principal contribuição da América Latina à história do pensamento econômico.

Referências

BIELSCHOWSKY, R. **Pensamento econômico brasileiro - O ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

COUTINHO, M. *A Economia Brasileira* (1954), de Celso Furtado. **História e Economia - Revista Interdisciplinar**, São Paulo/Lisboa, p. 5-25, 2017.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 34ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **A economia brasileira - contribuição à análise do seu desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1954.

_____. **Obra autobiográfica**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **Diários intermitentes: 1937-2002**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HELLER, C.; D'ARBO, R. C. Evolução da abordagem analítica da teoria do desenvolvimento de Celso Furtado. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, p. 17-40, jan.-jun. 2012.

MANZATTO, R. Os setenta anos da CEPAL (Parte II): ainda o falso sentido de universalidade das ideias? **Informações Fipe**, São Paulo, n. 457, p. 40-43, out. 2018.

SILVA, R. P. D. **Celso Furtado, entre a história e a teoria econômica (1948-1959)**: uma interpretação historiográfica. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2014.

SZMRECSÁNYI, T. Celso Furtado. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 347-362, 2001.

1 Abordei alguns aspectos do contexto do surgimento da CEPAL e do papel de Prebisch e Furtado em seus primeiros anos nesse mesmo boletim. Ver Manzatto (2018)

2 Posteriormente, mesmo Celso Furtado admitiria que “considerava o livro uma obra de circunstância, reunião de coisas heterogêneas” (FURTADO, 2014, p. 184). A questão também foi abordada por (SILVA, 2014, p. 155-157).

3 Ao longo do artigo, Heller e D'Arbo analisam a maneira como esse mesmo trecho de *A Economia Brasileira* foi incorporado em obras posteriores, mais especificamente em *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, de 1961, e nas versões de *Teoria e Política do desenvolvimento econômico*, de 1967 e 1979.

(* *Bacharel em Ciências Econômicas (FEA-USP) e Mestre em Ciência Política (DCP-USP). (E-mail: romulo.manzatto@gmail.com).*